

**CADA POSE, UM SELFIE – A INFLUÊNCIA DA CULTURA MIDIÁTICA NA
SEDAÇÃO DO CORPO E SUA RELAÇÃO COM A QUEDA DA EMPATIA¹**

**EACH POSE, A SELFIE – THE INFLUENCE OF MEDIA CULTURE ON BODY
SEDATION AND ITS RELATION TO THE FALL OF EMPATHY**

Regina Helena Nicolósi²

Resumo

Este artigo analisa a influência da cultura midiática na sedação do corpo, levando ao rebaixamento da capacidade empática. Os procedimentos metodológicos utilizados em seu desenvolvimento se concentraram na pesquisa bibliográfica exploratória, em busca da resolução da hipótese, a análise dos referenciais teóricos publicados e material periódico sobre cultura midiática, sedação do corpo e empatia. As imagens nas mídias têm se tornado cada vez mais pungentes e são distribuídas em velocidade menor que um átimo. Tragédias, desastres – naturais ou não – chegam aos nossos olhos de forma cada vez mais rápida e em quantidades monstruosas. Criado, guiado e estimulado pela cultura midiática, o aparato dá o sinal e, sem perceber, respondemos ao estímulo como cobaias de laboratório bem condicionadas. Em vigília constante, esperamos com ansiedade pelo estímulo que funcionará como antídoto para o embotamento dos sentidos, que também nos abstraiu a capacidade empática. Esta ausência parece fechar um círculo vicioso onde a humanidade, imersa e perdida na cultura midiática, acaba por perder não apenas seu corpo, como sua alma.

Palavras-chave: Cultura Midiática, Sedação, Embotamento, Empatia, Corpo.

Abstract

This article analyzes the influence of media culture on the sedation of the body, leading to the lowering of empathic capacity. The methodological procedures used in its development focused on the exploratory bibliographic research, in search of the hypothesis resolution, the analysis of published theoretical references and periodic material on media culture, body sedation and empathy. Images in the media have become increasingly poignant and are distributed faster than a second. Tragedies, disasters - natural or not - come to our eyes fast and in monstrous quantities. Created, guided and stimulated by media culture, the apparatus gives the signal and, unknowingly, we respond to the stimulus as well-conditioned laboratory rats. In constant vigil, we wait anxiously for the stimulus that will act as an antidote to the dulling of the senses, which also abstracted empathic ability. This absence seems to close a vicious circle where humanity, immersed and lost in media culture, loses not only its body, but its soul.

Keywords: Media Culture, Sedation, Dullness, Empathy, Body.

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho GT4 Vínculo e Corpo na Comunicação), do VI ComCult, Universidade Paulista, Campus Paraíso, São Paulo – Brasil, 08 a 09 de novembro de 2018.

² Mestre em Comunicação e Cultura Midiática pela Universidade Paulista UNIP, reginanicolosi@gmail.com

A influência da cultura midiática na sedação do corpo e sua relação com a queda da empatia

O objetivo deste artigo é analisar a influência da cultura midiática na sedação do corpo e sua relação com o rebaixamento da capacidade empática. Os procedimentos metodológicos utilizados no desenvolvimento desta pesquisa concentraram-se na pesquisa bibliográfica exploratória e da análise dos referenciais teóricos publicados e material periódico sobre cultura midiática, sedação do corpo e empatia, em busca da resolução da hipótese que a cultura midiática afeta os sentidos, sedando o corpo e, conseqüentemente, embotando nossa capacidade inata de nos colocarmos no lugar do outro.

Frente à quantidade desenfreada de estímulos, nossos sentidos recrudescem, começam a ficar apáticos e anestesiados, restando apenas a visão, cada vez mais fraca frente às luzes, brilhos e cores dos aparatos. Nesta decadência dos sentidos observamos a necessidade de imagens cada vez mais chocantes e numa frequência e velocidade tão imensas que não temos tempo de percebê-las todas e observá-las com o olhar crítico. Diante deste derramamento desenfreado, por meio dos aparatos circulam imagens que necessitam ser cada vez mais chocantes. A imagem que devoramos e que nos devora (Baitello Jr, 2014) reflete tragédias, desastres (naturais ou não) e eventos disseminados na velocidade menor que um átimo. O aparato vibra, apita, dá o sinal ansiosamente aguardado. Sem perceber, respondemos ao estímulo como os cães do próprio Pavlov. Enquanto estudava o fenômeno da digestão dos cães, o fisiologista russo observou que os animais salivavam primeiro com a comida, oferecida aos animais por um tratador que levava uma sineta na cintura. Com o tempo, Pavlov verificou que havia salivação apenas ao soar uma campainha. Os cães estavam condicionados, não era mais necessária a presença da comida, seu cheiro, seu paladar. Conosco acontece algo bem semelhante. Para nós, usuários e colaboradores da disseminação da cultura midiática, o condicionamento cobra o preço do embotamento dos sentidos, restavam apenas a visão e a audição, os outros se perderam no processo. Assim que o aparato sinaliza que algo aconteceu – o recebimento de uma mensagem, a curtida de outra pessoa nas redes sociais, qualquer coisa é válida – imediatamente ficamos aflitos para responder, como se da resposta e disseminação da imagem/notícia captada dependesse a salvação de nossos sentidos, ou mesmo, da morte. Morte esta enfraquecida frente à necessidade cada vez mais premente de fortes emoções para que o corpo se sinta vivo.

A anestesia do corpo que começou com os sentidos se entranha, se propaga e as pessoas perdem a noção da realidade. Os sentidos, necessários à vida, perdem sua função de exploração do mundo, de aprendizagem e de sobrevivência. O importante não é escapar, sobreviver, salvar alguém ou ajudar ao próximo. Mesmo que isso custe a vida humana, é fundamental fazer o *selfie* que renderá “curtidas” e “likes”. Se o aviso sobre o recebimento da mensagem é nossa “campanha”. O ato de acionar o botão de curtir e ver as reações às nossas *selfies* seria nossa resposta ao estímulo. Com a sedação do corpo, perdemos não apenas nossos sentidos básicos e a capacidade de perceber a realidade. Deixamos para trás a capacidade de empatia, definida no dicionário³ como a “capacidade psicológica para sentir o que sentiria uma outra pessoa caso estivesse na mesma situação vivenciada por ela”. Sem a empatia somos incapazes de nos colocarmos no lugar do outro, e, sem nossos sentidos, obliteramos sentimentos e emoções que poderíamos sentir por outro indivíduo, principalmente um da nossa espécie.

Não nos movemos mais para ajudar, não nos mobilizamos mais para amparar nosso semelhante e a máxima de amar ao próximo não cabe mais. Voltamos ao estado primitivo da falta de consciência, imprescindível para a convivência em sociedade, e em seu lugar temos aflorados nossos instintos mais violentos. Anestesiados, estamos fora de nossas mentes, aí a violência não apenas se manifesta como se perpetua. Lafer (1997), em um artigo sobre a contribuição de Hanna Arendt para a reconstrução dos direitos humanos, aponta que “A violência tem caráter instrumental e, no mundo contemporâneo, o seu alcance viu-se multiplicado pela técnica”. Parece que esperamos um novo dia para saber: O que temos para hoje? O que e que tipo de notícia ou imagem nos mobilizará. Melhor ainda: O que nos trará de volta à vida se, ao invés de vivermos o momento, congelamos o instante em um *selfie* a ser compartilhado de forma indiscriminada?

Necessitamos de algo mais para conviver em sociedade, retraindo nossos ímpetos violentos e estarmos mais atentos à realidade que nos cerca. A maior dificuldade é fazer isso numa sociedade onde a cultura midiática predomina, sedando nosso corpo e obliterando os sentidos, até que, anestesiados, perdemos nossa propriocepção. Definida como uma característica individual e inalienável que sofre influências de interações diferenciadas e complexas na integração sensorial e motora na conformação de diferentes tipos de imagens mentais no decorrer do desenvolvimento orgânico e cognitivo (DE OLIVEIRA, 2012), a

³ <https://www.significados.com.br/empatia/>

propriocepção capta estímulos e respostas do corpo. Ela precisa do corpo e de seus sentidos para a percepção e processamento do mundo interno e externo. Quando nossos sentidos estão obnubilados perdemos a consciência humana, e, conseqüentemente, sofremos um retrocesso das condutas representativas e o retorno ao pré-consciente, retornemos à psique primitiva do homem dos bandos, das hordas (Contrera, 2010), ainda que teleguiados. Este ser não pensante sofre mais influências externas do que é capaz de vivenciar, significar e ressignificar, mas há um preço: a perda da empatia, capacidade psicológica de se colocar no lugar do outro, de sentir o que sentiria outra pessoa caso vivenciasse a mesma situação, observando e experimentando de forma objetiva e racional os sentimentos e emoções do outro indivíduo. É a empatia que nos traz o desejo de ajudar uns aos outros, sermos altruístas e colaboradores.

A cultura midiática, dinâmica e envolvente, nos seduz e anestesia nosso corpo, dizendo para que direção olhar, ao quê e quanto reagir. Dirigidos, perdemos a capacidade empática. Concomitantemente, as imagens nos encantam, capturando nosso corpo e o amortecendo. Sentados, sedados, como refere Baitello Jr (2012). Assim, para que possamos sobreviver em nossa vida medíocre, necessitamos de estímulos cada vez maiores. O importante é sempre a força da próxima imagem. Como a comoção causada pela história de um pobre cão japonês que esperou seu dono por dez anos na estação. O homem morreu e nunca mais voltou. Quem leu o livro ficou mobilizado pela história e mostrou empatia pelo homem e pelo animal. Pela quantidade de livros vendidos e comoção causada, a cultura midiática percebeu e aproveitou a deixa. Poucos conhecedores da mídia como Hollywood fariam um filme sobre o triste drama japonês render milhões de dólares para todos os envolvidos. Ou quase. O pobre cachorro, protagonista da agonia solitária, acabou por morrer também e sem receber os devidos dividendos. Ao expectador cabe sair do cinema emocionado com o estímulo da trama. Se, já na rua, tropeçar em um indigente e seu fiel cachorro, provavelmente desviará daqueles seres socialmente invisíveis e sem pestanejar continuará seu caminho.

Cada lugar tem seu próprio drama, digno ou não de empatia. O que nos comove e estimula nossa empatia também é cultural. A violência no Rio de Janeiro – e no resto do Brasil, onde o número de homicídios cresce a cada dia. O fato de crianças serem atingidas por balas perdidas no colo das mães, dentro de escolas, brincando em lugares públicos e mesmo dentro do ventre materno é terrível. No entanto as notícias não nos atingem por muito tempo. Não que a perda de uma ou mais vidas não seja pertinente a cada brasileiro e a todos os seres

humanos do mundo, mas todos os dias a mídia está repleta de notícias assim. Não guardamos nomes, rostos, datas. Talvez por conta da recorrência, não há grande empatia do público e as notícias são tratadas apenas como um sinal dos tempos. Ou, se há, a empatia é efêmera, cada grupo social defendendo seus filhos, sem se importar com a tragédia de outro ser humano ferido ou destruído. De Waal (2010) pontua que a sociedade caminha para longe da solidariedade. E, se um grande número de pessoas receber tratamento injusto, a estratégia será culpabilizar e responsabilizar as vítimas por seu sofrimento. Observamos então que a falta de empatia por si só já constitui tragédia. No caso da história do livro/filme em contraponto com a violência emergente, a impressão que temos é que choramos mais pelo cão do filme que pela perda violenta da vida humana, mesmo que seja de uma criança.

Outro exemplo de como a empatia tem-se tornado efêmera foi o incêndio e a queda de um edifício localizado no Largo no Paissandu⁴ em São Paulo, em maio de 2018. Acabada a tragédia – que foi veiculada ao vivo pela mídia, mortos contabilizados e edifício outrora invadido pela população pobre deixou outro tipo de vítima: os desabrigados. Se antes viviam e situação precária, os agora sem-teto e mais desamparados ainda foram parar na rua. Pessoas se mobilizaram recolhendo e doando comida, oferecendo teto em abrigos do governo ou, para os mais afortunados, em casas de parentes. Infelizmente nem todos foram beneficiados e alguns permaneceram nas ruas. Dias depois, passada a comoção inicial, uma das mulheres do grupo deu à luz na rua e foi totalmente ignorada tanto pela sociedade quanto pelo governo. A notícia não durou muito na mídia – o preço do combustível que afetou a toda a população do Brasil fez frente à tragédia “menor” que é uma sem-teto parindo em um lugar qualquer. Não houve protesto nem passeata. Como refere De Waal (2010), “se se pode atribuir aos pobres a responsabilidade por sua pobreza, os demais ficam isentos de culpa” (p.17). A criança que nasceu é apenas mais uma miserável a povoar esse mundo injusto e ninguém mais tocou no assunto. O sentimento de empatia aqui não demorou mais que o tempo utilizado pela mídia para transmitir a notícia. Então não pode ser considerado como tal.

A empatia mexe conosco, nos mobiliza, nos faz agir. Curtir e compartilhar não resulta em uma ação concreta. Na maior parte das vezes apenas demonstra a incapacidade e frieza do usuário do aparato. Este fenômeno parece ocorrer em todo mundo, com a disseminação de imagens grotescas, inadequadas, humilhantes. Mas com força, violência e agressividade flagrantes, mesmo que disfarçadas com sorrisos e sinais de alegria. Um exemplo é a *selfie* de

⁴ <https://veja.abril.com.br>

uma jovem em um enterro (Figura 1). O que leva uma pessoa a isso? Talvez a incapacidade de sentir? Provar que viveu uma experiência intensa? Se as pessoas atrás dela estão em pé e com as mãos unidas no que parece ser um sinal de comedimento e respeito, o sorriso que a garota tem no rosto demonstra, no mínimo, uma dissociação. Segundo Maraldi (2014), esta é definida como a “temporária desconexão (patológica ou não patológica) entre módulos psíquicos e / ou motores que se encontram, em geral, sob o controle voluntário ou acesso direto da consciência, do repertório comportamental usual e / ou do autoconceito”.

Figura 1



Fonte: <https://www.tudointeressante.com.br/2015/02/19-pessoas-que-nao-possuem-qualquer-limite-na-hora-de-tirar-selfies.html>

Estamos dissociados, desconectados do mundo real, pois a conexão se dá por meio dos sentidos. Embotados os sentidos, ficamos sujeitos a estímulos aleatórios processados de forma deturpada por nossos cérebros. Para Paulino *et al* (2015) o rebaixamento da propriocepção está associado a distúrbios como estresse, depressão e de equilíbrio. Desequilíbrio este que pode ser observado no tipo de *selfies* e posts que permeiam as redes sociais.

Não há mais limites. Uma reportagem de O Dia⁵ descreve a repercussão da *selfie* tirada por uma adolescente americana em Auschwitz, um dos lugares escolhidos pelos nazistas para a continuidade do Holocausto. A jovem não se importou muito com o horror que o lugar deve evocar, nem com a tortura e o martírio de judeus, deficientes mentais, negros, ciganos, estrangeiros, inimigos políticos do regime nazista e outros seres humanos

⁵ https://odia.ig.com.br/_conteudo/noticia/mundoeciencia/2014-07-22/jovem-faz-selfie-sorrindo-em-campo-de-concentracao-nazista-e-provoca-revolta.html

considerados ameaçadores, inadequados ou simplesmente subumanos pelo poder vigente. Não houve empatia. O importante era a foto, a emoção efêmera por ela causada e a conseqüente repercussão da imagem medida em compartilhamentos, comentários e *likes*.

Infelizmente o caso da americana foi apenas um entre milhares que acontecem em locais como aquele (aproximadamente 12 mil). Muitas pessoas em todo o mundo se mostraram indignadas e reagiram também por meio das redes sociais. O artista israelita que vive em Berlim, Shahak Shapira, por exemplo, é o autor do projeto “Yolocaust” (Figura 2), onde sobrepõe as imagens dos campos de extermínio nazistas com as *selfies* tiradas no Memorial do Holocausto em Berlim e publicadas nas redes sociais.

Figura 2

YOLOCAUST



Fonte: <http://yolocaust.de>

Na página, já visitado por mais de 2,5 mi de pessoas, as imagens são complementadas por comentários, *hashtags* e “*Likes*”. O trabalho é, no mínimo, chocante. “O objetivo é que a combinação das duas choque e leve a pensar sobre o Holocausto e sobre formas apropriadas de assinalar o seu legado”⁶, explica Shapira, que deixa um *e-mail* por onde o autor pode entrar em contato e solicitar que a foto e as mensagens sejam retiradas.

Segundo a obra de Edgar Morin, “O homem e a morte” (1988), o simbólico nasce como estratégia de compensar ou superar o medo do insuperável – da morte. A morte aqui perderia sua força frente à necessidade cada vez mais premente de fortes emoções para que o

⁶ <https://www.dn.pt/media/interior/monumento-ao-holocausto-5617669.html>

corpo se sinta vivo. Daí a necessidade de imagens enfáticas, cruentas e mobilizadoras. Publicações cotidianas igualmente chocantes são vistas todos os dias nas redes sociais. Como o caso da canadense que ficou gravemente ferida ao ser atropelada por um trem na cidade de Piacenza, norte da Itália. Enquanto era socorrida prontamente por equipes de resgate, um homem aproveitou para fazer o "V de vitória" e tirar uma simpática *selfie* (Figura 3).

Figura 3



Fonte: BBCNews⁷

O azar do rapaz foi ter sido capturado neste instante pelas lentes de Giorgio Lambri, fotógrafo profissional, que alertou as autoridades. Os policiais o abordaram e o obrigaram a apagar a foto. Ao investigarem o caso, perceberam que se tratava apenas de uma ação oportunista que, apesar de ser moralmente indefensável, não é crime. A mulher acabou com uma perna amputada. Mais trágica que a perda de um membro foi a repercussão. O jornalista autor da foto a vendeu, pois este é o seu trabalho. A imagem foi reproduzida em muitas capas de jornais e nas redes sociais. Em uma reportagem no jornal Liberta escreveu sobre sua experiência, com o título "A barbárie que você não espera: a '*selfie*' em frente a uma tragédia". Afirmou "perdemos completamente o nosso senso ético". Os jornalistas protestaram.

Nicola Savino, âncora de uma estação de rádio italiana afirmou que o episódio era um indicativo de que a humanidade estava "caminhando em direção à extinção". A jornalista Antonella Boralevi do La Stampa comparou o fato com um "câncer que corrói a internet", descrevendo o jovem como alguém cuja "alma e personalidade convertidas para tornar-se um 'autômato' da internet" e não como uma "má pessoa". Realmente, o rapaz não é uma má pessoa. Está apenas narcotizado pela cultura

⁷ <https://g1.globo.com/mundo/noticia/selfie-apos-acidente-de-trem-choca-italianos.ghtml>

midiática e polo conteúdo espalhado por ela por meio do aparato. Como, aparentemente, a maioria de nós.

Conclusão

Com nossos sentidos embotados estamos sujeitos à influência da cultura midiática e reagimos compulsivamente a estímulos disseminados pelo aparato. O retorno à consciência e à propriocepção parece passar não apenas pela retomada do corpo, mas pela estimulação e desenvolvimento da empatia como exercício de retorno à humanidade que se esvai devorado pela cultura midiática. É urgente, ainda mais quando a falta da empatia compõe um estrondoso estímulo, quiçá gatilho, para a violência e a necessidade de imagens cada vez mais fortes e contundentes, fechando um círculo vicioso onde, imersos na cultura midiática, acabamos por perder não apenas nossos corpos, como nossas almas.

Referências

- Baitello, N. (2014). *A era da iconofagia: reflexões sobre imagem, comunicação, mídia e cultura*. Paulus.
- _____. (2012). O pensamento sentado: sobre glúteos, cadeiras e imagens. *São Leopoldo: Unisinos*.
- Contrera, M. S. (2010). *Mediosfera*. São Paulo: Annablume.
- de Waal, F. (2010). *A era da empatia: lições da natureza para uma sociedade mais gentil*. Companhia das Letras
- Lafer, Celso. (1997). A reconstrução dos direitos humanos: a contribuição de Hannah Arendt. *Estudos Avançados*, 11(30), 55-65. <https://dx.doi.org/10.1590/S0103-40141997000200005>
- Maraldi, E. O. (2014). *Dissociação, crença e identidade: uma perspectiva psicossocial*. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. doi:10.11606/T.47.2014.tde-18032015-105415. Recuperado em 2018-10-19, de www.teses.usp.br
- MORIN, E. (1988). O Homem e a Morte. Trad. João Guerreiro Boto e Adelino dos Santos Rodrigues, Mem Martins. *Publicações Europa América*.
- Paulino, C. A., Prezotto, A. O., & Calixto, R. F. (2015). Associação entre estresse, depressão e tortura: uma breve revisão. *Revista Equilíbrio Corporal e Saúde*, 1(1).